

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

Onde fazer e como fazer?

Corria a primeira metade do século XIX quando, em Londres, foi finalizada a construção e inaugurada a Ponte Strand, cruzando o Rio Tâmsa, que, posteriormente, recebeu o nome de Ponte Waterloo, local onde ocorreram, naqueles anos fatídicos, inúmeros suicídios. Atiravam-se os suicidas de um espaço que ficou conhecido como o Trampolim dos Desesperados, região da ponte onde o Tâmsa era mais profundo. Muitos pulavam, alguns no inverno de águas congelantes, com pedras amarradas ao corpo para garantir que afundariam mesmo e que morreriam afogados. Humanos angustiados, entre eles vários jovens, tiraram suas próprias vidas, à época, de maneira trágica, por afogamento, com sofrimento extremo nos últimos e agonizantes instantes de vida. Aqueles eram, evidentemente, suicidas inadvertidos. O horror. O cenário da morte lenta, sofrida e tormentosa, por afogamento, trazia mais conforto à alma daqueles pobres suicidas do que a angústia gerada pela perspectiva da continuidade da existência em eterno desespero.

Essa triste história do passado nos ajuda a compreender a relação estreita entre o “onde” e o “como” fazer. Ambos intimamente entrelaçados, um dependente do outro.

Ninguém se suicida por afogamento, atirando-se de uma ponte sobre um rio de águas gélidas no Saara, fato.

Valha-me, que merda, que desagradável! Caraca, o infeliz do escritor não tinha um exemplo menos chocante que esse pra colocar no livro? Suicidar-se no Saara, por afogamento, pulando da ponte num rio gelado? Tentou um chiste, entretanto, faltou um quê de sofisticação, né não? É de embrulhar o estômago. Empatia, escreba, empatia. Ademais, alma. Alma dos suicidas? Não acredita em Deus, em vida após a morte, em porra nenhuma e vem citar a “alma dos suicidas”? Muita contradição pros capítulos de hoje. Fiquei ansioso, vou comer uma barra de chocolate.

O leitor robusto, “portador de compleição avantajada”, novamente. Não esqueceu nada, não aprendeu nada, parafraseando Talleyrand ao se referir aos Bourbons. Não esqueceu meu ceticismo com religiões e vida após a morte. Não aprendeu que a obesidade é uma grave doença crônica que aumenta a mortalidade. Obesos vivem menos tempo que os não obesos. Se está ansioso, troque o chocolate por uma boa caminhada. Ambos têm efeito relaxante, enquanto a caminhada gasta calorias o chocolate te faz engordar, contudo. Pense nisso! O exemplo da Ponte Waterloo, concordo com o “grande” amigo, foi por demais chocante. Creio, todavia, que consegui meu intento: chocar, verdadeiramente, o caríssimo leitor. Trazer o suicídio inadvertido à sua real e afiliva dimensão. Um grave problema de saúde pública.

O suicida inadvertido, como já alertei, é um doente. É um paciente portador de uma grave doença psíquica, muitos são depressivos. Esses pacientes, uma vez medicados adequadamente e compensados mentalmente, provavelmente não cometeriam suicídio, não se matariam.

Os pobres suicidas que se atiravam da Ponte Waterloo, com pedras amarradas ao corpo, eram “farrapos humanos”, angustiados, desesperados, assim como todos os suicidas inadvertidos de todos os tempos. Qualquer opção para acabar com a própria vida parece-lhes melhor que a desesperadora continuidade da existência.

Nada comparado à acurácia e ao planejamento minucioso dos suicidas conscientes. Nesses há desesperança sem desespero, contudo.

Ao fim da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha em escombros, quando o infame Nazismo, juntamente com sua casta dirigente, agonizava, ocorreram milhares de suicídios não somente entre altos funcionários do regime que se extinguia mas também entre a população geral. Cada um a seu modo suicidou-se por motivações semelhantes, de diferentes maneiras. Inúmeros cidadãos alemães, da população civil sem relações com o regime nazista, temerosos com avanço soviético, do Exército Vermelho, amedrontados pelos relatos de estupros, sevícias seguidos de morte violenta e imotivada, a receita básica de qualquer guerra de conquista territorial, antiga ou moderna, suicidaram-se de diferentes formas, em que a criatividade

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

humana era o único limite. Suicídio consciente, entretanto. De maneira semelhante, vários altos funcionários do regime, cientes que seriam mortos imediatamente após a ocupação da Alemanha, ou alternativamente, capturados, julgados e condenados por crimes de guerra, também optaram pelo suicídio. Esses altos funcionários, seguidores fiéis do regime nazista, uma casta dirigente extremamente organizada, suicidaram-se utilizando cápsulas de cianeto, fartamente distribuídas entre esses altos dirigentes pela Juventude Hitlerista, nos extertores do regime. O cianeto, esclareço, é uma toxina extremamente letal, liga-se ao ferro de uma enzima mitocondrial (citocromo oxigenase) tornando as células incapazes de utilizar oxigênio, levando à morte por hipóxia tecidual poucos minutos após a utilização. Veneno rápido e eficaz tanto para suicídio como para execução de condenados à morte. Havia método, organização, efetividade e acurácia entre esses suicidas do alto escalão do regime. Contrariamente aos suicidas da Ponte Waterloo, movidos pela angústia e desespero, a casta dirigente nazista, ciente do fim do regime e do fatal acerto de contas com a civilização pelos crimes perpetrados contra a Humanidade, optou por se suicidar. Não tinham esperanças, não se desesperaram, contudo. Decidiram-se por morte rápida e indolor pelo cianeto, contrapondo-se à morte certa, eventualmente violenta, que seria levada a cabo pelos vencedores. Suicidas conscientes, por óbvio, aqueles torpes nazistas.

Tá bom, compreendemos. Diferentes épocas, diferentes pessoas, diferentes motivações, diferentes métodos em diferentes locais. E você escreva? Um monte de frescuras sobre o espírito do tempo e suas íntimas aspirações, ambos, como diz, irreconciliáveis no seu caso, mas, afinal, de que maneira pretende ir dessa para melhor? Habitar pela eternidade a chácara do padre? "Arrependei-vos, o fim está próximo?" Rá-rá-rá. Por que tergiversa, escritor?

O mísero impertinente novamente! Se vivo estivesse, mesquinho, devolveria a grana do livro para ti, estulto, apenas para me livrar desse pesado fardo, desse pesadelo. Acredite, infame, se na eventualidade, na ínfima eventualidade, na remota, insignificante e improvável eventualidade de existir vida após a morte, voltarei do além túmulo para assombrá-lo pela eternidade. Há método em sua burrice, caro estulto. Admito. Sim, diferentes épocas, com diferentes métodos em diferentes locais, no entanto, apesar de todas as diferenças, sobretudo as diferenças temporais, a alma humana e as motivações são atemporais.

Herodes, no ano 40 a.C., construiu Massada, uma fortaleza no topo de uma montanha, no deserto da Judéia, com o objetivo de proteger-se de eventuais inimigos. No ano 66, no início da revolta contra a invasão romana, um grupo de judeus em fuga refugiou-se nessa antiga fortaleza. Em 72, os romanos iniciaram o cerco a esse esconderijo para tomar a fortaleza e capturar os fugitivos. Após vários meses de cerco, atacados pelo exército romano, na iminência da invasão de Massada, os judeus refugiados suicidaram-se para não serem aprisionados e tornarem-se escravos de Roma. Preferiram a morte à escravidão. Suicidas conscientes, obviamente. Optaram conscientemente pelo suicídio a tornarem-se escravos.

Situação semelhante aos infames nazistas ao fim da Segunda Guerra Mundial. Conscientemente, optaram pelo suicídio com cianeto para evitarem possível morte violenta após a ocupação da Alemanha ou a captura com julgamento por crimes de guerra.

Os suicidas da Ponte Waterloo, por outro lado, foram motivados pelo desespero e pela angústia. Não havia plano nem método, apenas uma força exasperante que os direcionava para a morte lenta por afogamento. Típico dos suicidas inadvertidos.

Embora esses suicídios tenham acontecido em épocas muito diferentes, a motivação foi atemporal, pois a essência e a alma humanas são atemporais. Angústia e desespero da alma relacionam-se ao suicídio inadvertido. Inquietações da alma com o tédio, a inutilidade da existência, a certeza do inexorável final, a falta de esperança, além da dissociação entre nossas íntimas aspirações com o irreconhecível espírito do tempo que nos sufoca, relacionam-se com o suicídio consciente.

Alma, ou espírito, ou essência, como alguns a definem, é uma "construção" ao longo de nossa existência, que está em constante aprimoramento durante toda a vida. Não é e nunca será uma obra acabada. Desenvolve-se lentamente, pela interação do "eu com a circunstância" (obrigado, Ortega Y Gasset), da essência humana com o mundo que nos cerca, captado

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

ZeroBerto Eco

através de nossos sentidos, (olfato, paladar, tato, audição e visão) mergulhados num universo de emoções; inveja, amor, ódio, paixão, tesão, medo, angústia, ansiedade, tédio, entre outras, cada uma delas com intensidade e penetrância diferentes, com pesos variáveis entre os diversos humanos, em circunstâncias diversas, desenvolve-a, molda-a. Destaco ao impertinente leitor, “em letras garrafais” (ao mesmo tempo tranquilizando-o, de antemão, que não lhe guardarei ressentimento ao partir para a minha jornada sem volta), que os exemplos de suicídios e de suicidas descritos em Massada, na Ponte Waterloo e ao fim da Segunda Guerra Mundial, ocorridos em diferentes eras, em diferentes momentos históricos, desvelam claramente que OS DILEMAS QUE ASSOMBRAM A ALMA HUMANA SÃO ATEMPORAIS, permeiam nossa “humanidade” desde que o primeiro humano iniciou sua jornada em nosso planeta. Ademais, ocioso lembrar ao caríssimo que, embora transcendente (em que a arte, sua melhor tradução, nos eleva e nos difere dos outros animais que habitam nossa Terra), nada há de sobrenatural na alma humana: é pessoal e intransferível, perecendo juntamente com nosso corpo, pois é indistinguível e indissociável das carnes que a cercam, que a aprisionam!

ZeroBerto Eco

Tudo vale a pena, quando a grana não é pequena...?!

Fé, Ganância e Ressentimento – Reflexões sobre o único dilema relevante nesses tempos absurdos: Resignação ou Suicídio?

Comece a ler agora mesmo!

COMPRAR

Instagram

Twitter

Blog